

Resumo: Discute a mediação bibliotecária a partir da ação informacional em Fred Dretske, a encontrabilidade e usabilidade da informação por meio das *affordances* em Jerome Gibson e ação comunicativa na base do pensamento Habermasiano, a partir de um enfoque crítico e interpretativo. Em termos metodológicos, trata-se de uma pesquisa teórica, de abordagem crítica e interpretativa, que tenta se desenvolver a percepção informacional do bibliotecário em ambientes informacionais, a qual é responsável pela formação de padrões de informação que direcionam a percepção-ação dos usuários. Em conclusão, considera-se que a informação como fenômeno de uma ação cognitiva, emerge fissurando as estruturas técnicas da teoria da informação desenvolvendo-se no ato discursivo e no diálogo intersubjetivo do bibliotecário como mediador e nos sujeitos que buscam o conhecimento disponível nas bibliotecas.

Palavras-chave: Bibliotecário; Informação; Intersubjetividade; Mediação; Percepção-ação

Abstract: It discusses library mediation from Fred Dretske informational action, the findability and usability of information through affordances in Jerome Gibson, and communicative action on the basis of Habermasian thinking from a critical and interpretive approach. In methodological terms, this is a theoretical research, with a critical and interpretive approach, which tries to develop the informational perception of the librarian in informational environments, which is responsible for the formation of information patterns that direct the perception-action of its users. In conclusion, it is considered that information as a phenomenon of cognitive action emerges by fissuring the technical structures of information theory by developing in the discursive act and in the intersubjective dialogue of the librarian as mediator and in the subjects that seek the knowledge available in libraries.

Keywords: Librarian; Information; Intersubjectivity; Mediation; Perception-action

1. Introdução

Considerando que o conhecimento humano se encontra na interpretação e percepção dos acontecimentos (FOUCAULT, 2002). Discute-se a mediação bibliotecária a partir da ação informacional em Fred Dretske, a encontrabilidade e a usabilidade da informação por meio das *affordances* em Jerome Gibson e a ação comunicativa na base do pensamento Habermasiano.

Em termos metodológicos, nossa tarefa se fundamenta na crítica da ciência, ao tratar a pesquisa teórica e bibliográfica, a partir de uma abordagem crítica e interpretativa, desenvolve-se a percepção informacional do bibliotecário em ambientes informacionais, a qual é responsável pela formação de padrões de informação que direcionam a percepção-ação dos usuários pela autorreflexão¹.

¹ O enquadramento metodológico que estabelece o sentido da validade dessa categoria de enunciados críticos avalia-se pelo conceito de autorreflexão, a qual liberta o sujeito da dependência de poderes

Os estudos teóricos de acordo com Demo (2000) são dedicados à reconstrução de teorias, conceitos, ideias, ideologias, controvérsias, a fim de melhorar imediatamente os fundamentos teóricos. A literatura baseada na síntese bibliográfica é desenvolvida pelo material já elaborado, principalmente em livros e artigos científicos, com conceitos de cientistas sobre o tema em foco (GIL, 2002).

Em conclusão, considera-se que a informação como fenômeno de uma ação cognitiva, emerge fissurando as estruturas técnicas da teoria da informação desenvolvendo-se no ato discursivo e no diálogo intersubjetivo do bibliotecário como mediador e nos sujeitos que buscam o conhecimento disponível nas bibliotecas.

2. A virada informacional e o aspecto representacionista da mediação bibliotecária

Ao olhar para a informação como um fenômeno de uma ação cognitiva que emerge ao fissurar as estruturas duras da teoria da informação, procura-se mostrar a virada informacional e os aspectos da ação informacional em Dretske (1981), no contexto da mediação bibliotecária. Em uma abordagem crítica e interpretativa, argumenta-se que a informação como uma ação emancipatória reside na multiplicidade quando os sujeitos buscam regular os discursos no espaço-tempo da biblioteca.

Explicando Dretske (1981) sobre a teoria representacional da informação, compreendemos informação como um processo de mediação pela qual os sujeitos desenvolvem capacidades sensíveis para explorar a informação. Para o autor a construção referente à comunicação dos sujeitos, está baseada na criação de informações com as quais se comunicam introduzindo formas simbólicas a partir de habilidades visuais com o ambiente.

Dada a construção teórica de Dretske (1981), a compreensão de mediação na prática bibliotecária é percebida pelo aspecto representacional da informação, apoiada pelas construções das ciências duras que aparecem no campo das práticas de informação. Essas construções são apresentadas em Capurro (2003) ao incutir os paradigmas da CI em sua estrutura cognitiva, física e social. Contexto na qual as tecnologias de informação e comunicação (TIC) são produzidas e representam um tipo de ação a ser analisada como constituinte da relação entre os seres orgânicos, artificiais e ambientais na CI. Circunstância que na chamada explosão informacional tornou-se “o principal ingrediente na comunicação entre sistemas (biológicos ou artificiais) e seus respectivos nichos” (MORONI, 2009:132).

Diante do exposto, a virada informacional ocorrida na CI é marcada por importantes acontecimentos na década de 50 com os fundamentos teóricos, sua relação com outros campos de conhecimento interdisciplinar que se preocupam com a organização de informações, sistemas de armazenamento, modelagem de dados métricos e etc.

hipostasiados. A autorreflexão é determinada por um interesse emancipatório do conhecimento, e as ciências de orientação crítica partilham-no com a Filosofia (HABERMAS, 2009:140).

De acordo com Barreto (2002:123) a ideia de que “o homem começou a raciocinar em sequência linear, alfabética, categorizando e classificando informações. Tornou-se um ser especializado em sua produção de primeiro plano”. A informação é considerada aqui como um conhecimento instituído pela Teoria Matemática da Comunicação (TMC), estando ligada aos paradigmas fisicalista e semanticista.

O conceito de informação de Dretske (1981) está relacionado ao aspecto representacionista da informação, incentivado pela teoria matemática da comunicação e por fatores de entropia. A entropia

[...] é aqui entendida como a medida do grau de desordem de um sistema. Uma vez que os processos informacionais são mensurados através do grau da entropia presente na ocorrência dos eventos, a proposta de Shannon & Weaver envolve uma definição objetiva de informação, existente no mundo independente de um sujeito específico, consciente. A quantidade de informação gerada por um evento é medida, na proposta de Shannon & Weaver, a partir da redução da incerteza presente nos eventos. Apesar de não estarem interessados no estudo do significado da informação propriamente dito, mas em estabelecer uma noção técnica de informação, os autores propõem que ela seja concebida em termos probabilísticos decorrentes da redução de possibilidades de escolha de mensagens. (MORAES, 2012:36).

Deste ponto de vista, a entropia é a medida de informação que atravessa um canal de comunicação, proporcionando um grau de incerteza da informação que transporta. Esta configuração introduziu um grande problema na compreensão da transmissão de mensagens, sendo incompreensível a extração e entendimento do significado esperado pelo receptor. À luz do pensamento de Dretske (1981), entende que somos livres para pensar sobre a informação.

Esta é uma maneira de pensar sobre informação. Ela funda-se sobre uma confusão, a confusão da informação com significado. Uma vez que esta distinção é claramente entendida, ficamos livres para pensar sobre informação (embora sem significado) como uma *commodity* objetiva, algo cuja geração, transmissão e recepção não requer ou pressupõe (de nenhuma forma) processos interpretativos. (DRETSKE, 1981:7).

A ideia de Dretske (1981) estaria relacionada à informação como um elemento objetivo no mundo, sem estar sujeito à questão interpretativa. Sob o ponto de vista de Moraes (2012), a informação pode ser percebida, alterada e modificada dentro de um conjunto de regularidades no ambiente (biblioteca) e estaria ligada à ideia de uma necessidade informacional. Segundo o autor a informação é um artefato, cujo conhecimento, representação, ação e significado são fabricados no mundo da vida.

O mundo da vida pode ser entendido como aquele em que “os atores comunicativos situam e datam seus pronunciamentos em espaços sociais e tempos históricos” (HABERMAS, 1987:136). O diálogo concerne ao ambiente da biblioteca um lugar importante ao tentar transmitir conhecimento fornecendo aos sujeitos informações precisas na busca por conhecimento.

Como se observa, a mediação é estabelecida na construção da intersubjetividade dos sujeitos discursivos, segundo Moroni (2012:27):

[...] envolve aspectos direto e indireto, sendo que, no que concerne ao aspecto indireto, é através da representação que o sistema perceptivo transforma a informação objetiva disponível no ambiente em *informação significativa* no plano conceitual. Isso porque, parte da informação que perpassa os processos perceptivos adquire significado, constituindo-se como elo fundamental dos processos cognitivos presentes nas crenças. Entendemos que, segundo a concepção dretskeana, uma das -formas de percepção é direta, não necessitando da mediação de representações mentais e tampouco de intencionalidade, mas de “uma relação causal.

Há outros tipos de informação, como a natureza, por exemplo, que não exigiria um “ser ou uma entidade”, no entanto, para a mediação ser eficaz como um canal de emancipação deve fazer parte do mundo da vida. Na prática bibliotecária, a mediação deve ser racionalizada pela emancipação dos sujeitos, uma vez que a informação como ação está na variação e na multiplicidade emancipatória entre os autores da mediação e o espaço da biblioteca.

De acordo com Gonzalez, Broens e Martins (2012:126) “Dretske (1981) adota a concepção da informação sugerida por Shannon. Ele reconhece o valor desta proposta e a utiliza para propor uma concepção semântica de informação”, Em Dretske (1981) o mundo físico é considerado cheio de implicações informativas estabelecidas entre os vários tipos de estruturas, arquétipos ou grupos. Assim, “informação é justamente esse indicador de relacionamentos que podem ser objetivamente gravados por um receptor (humano ou não) que está devidamente equipado para fazê-lo” (DRETSKE, 1981:63).

Por exemplo, pressupõe a existência de informações objetivas que contribuem para uma caracterização representacionista da informação (DRETSKE, 1981, 1988, 1995). A ideia de representar à informação equivale a “uma teoria genuína da informação uma teoria sobre o índice de nossas mensagens e não sobre a maneira em que este índice é incorporado” (DRETSKE, 1981:40). Dretske (1981) trouxe uma maneira de pensar sobre a informação, com pleno significado, uma vez que a distinção é entendida como um ato de ser livre para pensar sobre a informação, mas sem significado, algo cuja transmissão e recepção não requerem ou pressupõe, em qualquer forma, processos de informação.

No entanto, é significativo fornecer conhecimento aos sujeitos, interpretando e traduzindo informações sobre representações mentais, de acordo com Dretske (1981), para identificar o conhecimento de algo que se precisa para receber informações. O autor parte de que o conhecimento é explicado como uma crença produzida a partir de informações (*knowledgeisinformation-producedbelief*).

Nesse modelo, os participantes do processo comunicativo possuem acesso democrático ao conjunto de mensagens possíveis ou disponíveis, podem, idealmente, utiliza-las de modo igualitário e comunica-las em benefício da coletividade. Assim, por exemplo, as mensagens climáticas, como os referentes ao aquecimento global, seriam captadas, analisadas, discutidas por todos os indivíduos da sociedade, construído o seu significado coletivamente (GONZALEZ; BROENS; MARTINS, 2012:132).

Para Gonzalez, Broens e Martins (2012), a informação deve ser construída a partir de um diálogo comunicativo em que os atores se comunicam simultaneamente, gerando, em princípio, ações coletivas e responsáveis. A construção da mediação é dada pelo diálogo, ou seja, o conteúdo informacional da biblioteca seria distribuído no ambiente em um estado disposicional a ser construído pelos participantes na interação, o que lhes permitiria acesso à informação da biblioteca de uma maneira refletida.

3. A ação informacional na prática bibliotecária

De que maneira devemos pensar os estudos das práticas informacionais como “o que é ser no ato de mediar”? Embora se verifique que o “ser” é um precursor de ação de um ato emancipatório. A ação da técnica bibliotecária deve buscar a compreensão hermenêutica para mediar a informação de uma forma que possa ser considerada uma atividade não só do bibliotecário, mas em busca de torná-la compreensível aos olhos dos sujeitos que buscam o conhecimento.

A ação informacional na prática bibliotecária terá lugar a partir de um ato cognitivo de sujeito a sujeito. Esta acontece por meio de um processo de “tecnificação”, práticas que são baseadas na quantificação de informação para assegurar a sua objetividade.

Uma ideia clara de paradigma físico em Capurro (2003), em que se tem a tradição das técnicas instrumentais de informação que emergiram do modelo de mensagem codificada (TMC), que classifica a mediação bibliotecária em informação, sujeito e mediador, integrantes sistêmicos. A concepção de integrador sistêmico idealiza uma abordagem dos sujeitos informacionais presos ao sistema, não dando a verdadeira autonomia a eles que buscam a informação em ambientes informacionais.

A interdisciplinaridade nas práticas informacionais biblioteconômicas, são expressivas à medida que se desenvolvem às práticas de emancipação no social, quando há possibilidades de orientações no mundo da vida para construir ressignificações e buscar horizontes emergentes para compreender os estudos da informação trazendo contribuições para o campo profissional da CI.

Segundo Pombo (2003) a interdisciplinaridade é considerada um espaço de superação entre o paralelismo de conhecimentos, é um terreno de convergência, uma complementaridade que supera as aporias instrumentais para estimular uma nova compreensão de práticas do conhecimento em bibliotecas. A proposta é considerar a informação como uma ação do sujeito a outro como um diálogo de cooperação no ambiente da biblioteca.

A concepção Gibsoniana² de informação parte do conceito de *affordances* para entender a mediação nas práticas informacionais dos bibliotecários nas bibliotecas. Na percepção de

² James Jerome Gibson é um psicólogo Americano que elaborou a teoria das *affordances* a partir de seus estudos no campo da percepção visual. Para Gibson “*affordances* são possibilidades de ação que o ambiente [ou objeto] oferece ao agente. Apesar de parecer uma definição simples, há características do conceito envolvidas nesta definição que necessitam ser destacadas. Uma delas está baseada na

Gibson (1982, 1986), *affordances* podem ser consideradas como elementos essenciais para a compreensão da dinâmica estruturante da relação percepção-ação dos sujeitos com o ambiente inserido. Compreende o fenômeno informação, por intermédio da mediação, nos aspectos internos e externos das ações dos sujeitos e das mediações técnicas e tecnológicas em ambientes organizacionais³. A questão central da teoria das *affordances* não é “[...] se elas existem ou são reais, mas se realmente as informações estão disponíveis em um ambiente de luz para percebê-las” (GIBSON, 1986:40).

Reconhecer que no contexto das bibliotecas o diálogo relaciona-se por recursos acessíveis que se referem a indícios e pistas de informações. É entender que os sujeitos buscam no horizonte da percepção, formas de fazerem uso do conteúdo na biblioteca para impulsionar o debate crítico. O horizonte de percepção dos sujeitos situados na biblioteca, “caracteriza um mundo em que podemos encontrar alguém ou alguma coisa em qualquer lugar e a qualquer momento” (VECHIATO; VIDOTTI, 2014:112).

Compreende-se como percepção-ação a apreensão da informação em toda a dimensionalidade organizacional, as quais os sujeitos percebem no acervo das bibliotecas novas possibilidades de ação e uso da informação envolvendo-se no diálogo interpretativo. Ao fazê-lo, os sujeitos têm autonomia para sugerir o melhor caminho e diálogo, para que possam alcançar a melhor direção a ser percorrida no espaço informativo que estão.

*As affordances caracterizam um importante atributo da interface com o sujeito. Dependendo da especificidade, ele pode ser aplicado em qualquer tipo de ambiente informacional e em qualquer arquitetura da informação. Em texto anterior, definimos *affordance* como um princípio de usabilidade, relacionado aos incentivos e pistas atribuídos ao sistema que proporcionam aos sujeitos a realização de determinadas ações. (VECHIATO; VIDOTTI, 2014:169).*

Segundo Gibson (1982), existem fontes de informação invariáveis no ambiente e nas organizações. A biblioteca não é um sistema de fluxo de informações em que os canais específicos de “poder de informação” passam, mas construções eventuais de acordos, de consensos, com base em interações coletivas e não de ocorrências ou até mesmo de influxos externos entre os sujeitos.

Na biblioteca, por exemplo, a mediação:

*[...] insere o ser humano (ou os organismos em geral) na informação disponível no ambiente. A percepção visual, por exemplo, envolve arranjo óptico, *invariantes e disponibilidades (affordances)* que formam as bases da*

ideia de que, durante a interação com o ambiente, o agente percebe as possibilidades de ação e não as qualidades do ambiente. Além disso, a captação de tais possibilidades depende da escala corporal e das capacidades de ação do agente” (OLIVEIRA, 2005:90-91).

³ Todavia, em algumas aplicações *web*, a pesquisa pode não ser suficiente e torna-se necessário investir na navegação, considerando o entendimento do conteúdo pelo sujeito informacional quando não procura um item específico. Por meio da navegação, é possível sugerir caminhos e pistas (*affordances*) aos sujeitos, para que possam explorar conteúdos que não sabem que existem. (VECHIATO; VIDOTTI, 2014:111).

percepção visual do ambiente. Estando tão imerso no fluxo de informação ambiental, o organismo compartilha de modo ativo, direto e não mediado da captação da informação. É a combinação da imersão do organismo no ambiente e no fluxo de informação ambiental ao seu redor que origina a percepção atenta do organismo ou, se você preferir, os estados cognitivos. (MORONI; GONZALEZ; MORAES, 2011:351).

A mediação em bibliotecas e organizações é feita na forma de reciprocidade. Sob o ponto de vista de Moroni, Gonzalez e Moraes (2011:352) “essa reciprocidade surge da descrição do ambiente como o que está disponível para a mente, ou, se preferir, o que está disponível para se pensar”. A informação enquanto uma ação está na variação e na multiplicidade emancipatória entre os protagonistas da mediação no espaço biblioteca.

Vechiato e Vidotti (2014) pensam essa relação no campo teórico da CI e nas práticas bibliotecárias de encontrabilidade, quando há um diálogo frutuoso que emerge da ação instrumental (técnica) com o intuito de deixar o ambiente mais interativo com as tecnologias. A usabilidade, nesse sentido, é a percepção-ação, a qual facilita as práticas informacionais dos sujeitos com as tecnologias nos ambientes da biblioteca e está associada às questões das práticas funcionais de um sistema informatizado.

A representacionalidade da informação está na percepção-ação dos sujeitos no ambiente inserido, sobretudo, do espaço da biblioteca. Dretske constitui esse elo pensando nos pressupostos de que “(1) todos os fatos mentais são fatos representacionais; (2) todos os fatos representacionais são fatos sobre funções informacionais” (DRETSKE, 1995:8).

A noção de percepção-ação ocorre na relação (interna) e (externa) da informação, quando as integrações do diálogo dos sujeitos emergem dos vínculos e propriedades que o ambiente emerge por meio das (*affordances*), a saber, a informação como ação reside na variação emancipatória e na multiplicidade entre os sujeitos da mediação no espaço da biblioteca.

De acordo com Moroni (2009:69) a relação internalista “surge de propriedades do ambiente e dos eventos sociais, isto é, da relação que estabelecemos com o ambiente social e não somente com os nossos próprios pensamentos”. Na prática os sujeitos emergem suas ações das características que espaço informacional possibilita por meio das (*affordances*). Para Dretske (1995) a relação externalista de informação surge como aplicabilidade da percepção e do acontecimento, pois neste contexto, a ação (emancipatória) requer uma prática externa dos sujeitos, como exemplo, o discurso de ambos para ser apresentado como componente comunicativo.

Em Moroni (2009:59) o externalismo é considerado como a “detecção de padrões informacionais auto-organizados que emergem da relação do agente com o mundo. É através da detecção desses padrões informacionais que os organismos apreendem a informação significativa no ambiente”. No entanto, esses aspectos internos e externos devem levar em conta a interação comunicativa que emerge do ambiente da biblioteca, proporcionando oportunidades integradas de comunicação entre os próprios indivíduos e seus grupos, em buscando um entendimento público.

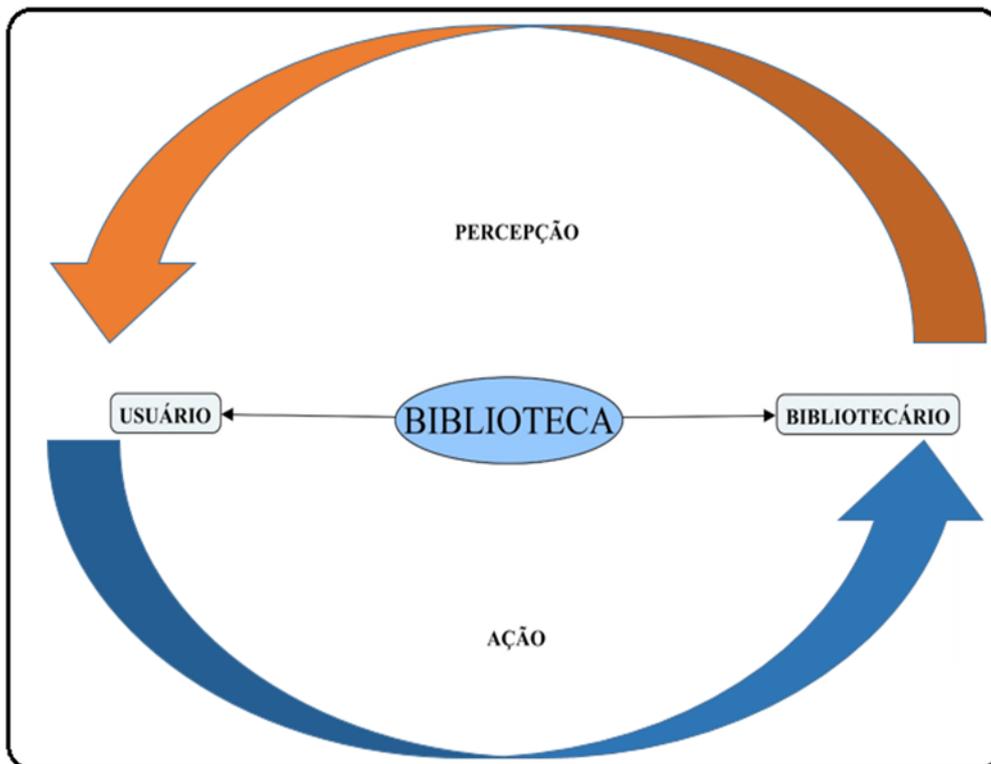
4. A reflexão no ato de mediar entre racionalidade, percepção e ação

Considerando o pensamento de Habermas (1987), Dretske (1981) e Gibson (1982), nosso interesse não é aprofundar as questões propostas pelos teóricos, mas mostrar a percepção-ação por meio da ação crítica, valendo-se da intersubjetividade dos sujeitos quando as consciências individuais passam a ter um diálogo compartilhado na esfera pública.

A abordagem emancipatória na mediação bibliotecária considera que o ato de mediar insere os sujeitos em intersubjetividade com a informação disponível no ambiente. Conforme Deleuze (1992:68), “as ações encadeiam-se com percepções, as percepções se prologam em ações”. Ao observar os efeitos dos discursos dos sujeitos sobre o processo de subjetividade, entende-se que na sequência que ocorre, há uma nova relação de conhecimento e equilíbrio de poderes discursivos transformando-os em emancipação, a partir da interação no processo de percepção-ação.

A fig. 1 tem a provocação de analisar como acontece a correlação da percepção-ação, explorando o entendimento da ação comunicativa dos atores bibliotecário-usuário frente a emancipação no ambiente da biblioteca.

Fig. 1: Ciclo da Interação informacional no ambiente da biblioteca



Fonte: Dados da pesquisa (2018).

No esboço da fig. 1 há a integração da informação por meio do diálogo comunicativo, em que se tem a percepção-ação dos sujeitos que transformam a biblioteca no meio discursivo, quando desenvolvem as representações perceptivas interna e externa, para agirem no meio

inserido num processo recíproco por meio das *affordances*. Considera-se que a informação enquanto um fenômeno emancipatório, resulta da resignificação das ações instrumentais que rodeiam o campo prático da informação.

Explica-se que o modelo funcional instrumental (técnica) configura à informação em um processo reducionista, deixando os usuários sem autonomia nas bibliotecas, desprovidos de entendimento, da falta de diálogo e informação.

A reflexão no ato de mediar vem observar a ação instrumental numa tentativa remodelar o processo meditativo, uma vez que o ciclo da mediação deve acontecer como “uma forma de vida na qual a identidade livre dos indivíduos com a livre reciprocidade entre indivíduos se torna uma realidade palpável” (HABERMAS, 1999:109). As ações comunicativas formam relações interpessoais de reciprocidade entre os sujeitos no âmbito das bibliotecas.

As reciprocidades que alicerçam o reconhecimento mútuo de sujeitos imputáveis já estão insertas no agir em que se enraízam as argumentações. Eis por que a recusa de argumentação do céptico radical se revela como uma demonstração vazia. Nem mesmo aquele que salta fora da argumentação de maneira consequente consegue saltar fora da prática comunicacional quotidiana; ele permanece preso aos pressupostos desta – e estes, por sua vez, são pelo menos parcialmente idênticos aos pressupostos da argumentação em geral. (HABERMAS, 1989:12).

Habermas (1989) caracteriza a intersubjetividade como o tecido das ações comunicativas, isto é, de autorreflexão dos atores e da sua validade de percepção e ação, sobretudo, no contexto das práticas bibliotecárias.

Pensar numa reforma sobre os construtos que acontecem nas técnicas de informação nas bibliotecas, a ideia é que “não deveria ser pensada unicamente como fonte de poder ou de riqueza, mas como uma oportunidade para o desenvolvimento da humanidade e do meio ambiente, através de ações consideradas morais. (GONZALEZ; BROENS; MARTINS, 2012:133).

5. Considerações finais

A pesquisa contribuiu para entendermos a mediação bibliotecária a partir da ação informacional em Fred Dretske, a encontrabilidade e usabilidade da informação por meio das *affordances* em Jerome Gibson e a ação comunicativa na base do pensamento Habermasiano.

Durante o estudo, discutiu-se uma reflexão construída a partir da intelecção de que é necessário estabelecer uma relação de mediação bibliotecária para mais próximo das contribuições sociais e construtivas para pensar além das técnicas de informação e dos paradigmas.

Há a necessidade refletida do “ser-bibliotecário” como precursor das razões emancipatórias voltadas as necessidades informacionais dos sujeitos na organização e preparo do conhecimento, uma tentativa de um alcance maior na qualidade da informação, na linguagem da compreensão do “ser”, sempre tendo em mente a preocupação com o usuário.

O entendimento de ação-percepção foi idealizado na forma de reciprocidade, o diálogo dos sujeitos com o ambiente da biblioteca emergindo as inter-relações que o bibliotecário estabelece com os seus. Sendo o interpretar, uma ideia de combinação de percepções transmitidas no meio ambiente pelas vozes bibliotecárias, as tecnologias da informação processada e organizada, emprega a biblioteca no centro do mundo porque os sujeitos nela se tornam um canal de emancipação.

A ação crítica e interpretativa nessa abordagem examinou a relação entre a compreensão da mediação e seu contexto informacional no processo cognitivo na biblioteca, pela qual considerou-se a percepção dos sujeitos que buscam à informação. No entanto, a ideia de se tornar um encaixe bem-sucedido, corresponde à ideia de “Devir” na medida em que a mediação se constitui como um ato emancipatório, uma abordagem necessária para refletir sobre ações coletivas e os sentidos da informação nas bibliotecas, salta para o entendimento de que “perceber é olhar e captar um olhar é tomar consciência de ser visto (SARTRE, 2011:333).

Em conclusão, considera-se que a informação como fenômeno da ação cognitiva emerge quebrando as estruturas técnicas da teoria da informação desenvolvendo-se no ato discursivo e no diálogo intersubjetivo do bibliotecário como mediador e nos sujeitos que buscam o conhecimento disponível nas bibliotecas.

Referências bibliográficas

BARRETO, A. A

2002 A Condição da informação. *Revista São Paulo em Perspectiva*. 16:3 (2002) 67-74.

CAPURRO, R.

2003 Epistemologia e Ciência da Informação. In ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5^o, 2003 – *Anais...* Belo Horizonte: UFMG, 2003.

DELEUZE, G.

1992 *Conversações*. Rio de Janeiro : Editora 34, 1992.

DEMO, P.

2000 *Metodologia do conhecimento científico*. São Paulo : Atlas, 2000.

DRETSKE, F. I.

1995 *Naturalizing the mind*. Cambridge : MIT Press, 1995.

DRETSKE, F. I

1988 *Explaining behavior: reasons in a world of causes*. Cambridge : MIT Press, 1988.

DRETSKE, F. I.

1981 *Knowledge and the flow of information*. Oxford : Blackwell, 1981.

FOUCAULT, M.

2002 *As Palavras e as coisas*. São Paulo : Martins Fontes, 2002.

GIBSON, J. J.

1986 *The Ecological approach to visual perception*. New Jersey : Lawrence Earlbaum Associates, 1986.

GIBSON, J. J.

1982 *Reasons for realism*. New Jersey: Lawrence Earlbaum Associates, 1982.

GIL, A. C.

2002 *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4ª ed. São Paulo : Atlas, 2002.

GONZALEZ, M. E. Q.

2011 Visões de um mundo: uma reflexão a partir da perceptiva da filosofia ecológica. In SIMONETTI, Mirian Cláudia, org. - *(In)sustentabilidade do desenvolvimento : meio ambiente, agronegócio e movimentos sociais*. São Paulo : Cultura Acadêmica; Marília : Oficina Universitária, 2011.

GONZALEZ, M. E. Q.; BROENS, M. C.; MARTINS, C. A.

2012 *Informação, conhecimento e ação ética*. Marília : Oficina Universitária; São Paulo : Cultura Acadêmica, 2012.

HABERMAS, J.

2009 *Técnica e ciência como “ideologia”*. Lisboa : Edições 70, 2009.

HABERMAS, J

1999 *Teoría de la acción comunicativa. I - Racionalidad de la acción y racionalización social*. Madrid : Taurus, 1999.

HABERMAS, J.

1989 *Consciência moral e agir comunicativo*. Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro, 1989.

HABERMAS, J.

1987 *Conhecimento e interesse*. Rio de Janeiro : Zahar, 1987.

MORAES, J. A.

2012 *Implicações éticas da “virada informacional na Filosofia”*. Marília, 2012.
Dissertação de Mestrado em Filosofia – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências.

MORONI, J.

2012 *Uma Reflexão filosófica sobre o conceito de informação ecológica*. Marília, 2012.
Dissertação de Mestrado em Filosofia – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências.

MORONI, J.

2009 O Conceito de informação no contexto da teoria da auto-organização. *Filogênese*. (2009) 131-144.

OLIVEIRA, F. I.

2005 *Affordances: a relação entre agente e ambiente*. Marília, 2005.
Dissertação de Mestrado em Filosofia – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências.

POMBO, O.

2004 Epistemologia da interdisciplinaridade. In PIMENTA, Carlos, coord. – *Interdisciplinaridade, humanismo, universidade*. Porto : Campo das Letras, 2004.

SARTRE, J. P.

2011 *O Ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. Trad. Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 2011.

VECHIATO, F. L.; VIDOTTI, S. A. B. G.

2014 *Encontrabilidade da informação*. São Paulo : Cultura Acadêmica, 2014.

Jetur Lima de Castro | jetur.er@gmail.com

Universidade Federal do Pará (UFPA), Brasil

Luiz Eduardo Ferreira da Silva | luizeduardo.ufpb@gmail.com

Universidade Federal do Paraíba (UFPB), Brasil

Alessandra Nunes de Oliveira | alessandranunesoliveira@gmail.com

Universidade Federal do Pará (UFPA), Brasil